

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO-23 DE NOVEMBRO DE 1862.

N. 29

O PACAJÁ.

Recebemos o « Mosaico » de *Pelotas* novo jornal litterario, scientifico e recreativo com que nos memoscou sua illustre redacção.

Nada podemos avançar sobre seus bens elaborados artigos por que mal podemos devasal-os na alta esphera em que percorre a distinta redacção.

Limitamo nos tão somente em testemunhar-lhe gratidão pela offerta com que nos memoscou e a desejar-lhe propicia carreira na espinhosa lida que se lançou.

Asseguramo-s ao novo *Athleta*, nossa paternal sympathia e com o riso nos labios e sincera amizade no coração o *Pacajá* saúda ao illustre conterraneo.

Dois genios e um só destino.

(ALVARES DE AZEVEDO E CASIMIRO D'AREU.)

I.

O viajor que contempla a quêda dos imperios tendo diante de seus olhos as ruinas dessas mesmas nacionalidades, não pode entristecer-se mais do que o espirito humano folheando as paginas de livros que são outros tantos legados que deixão á posteridade, vultos cujos nomes são immortaes padrões de gloria.

O Brasil, paiz novo e cujos passos na carreira das letras são ainda muito lentos, já tem com tudo visto perecer muitos filhos illustres, uns chorando no exilio a familia de que para sempre se achavão separados, outros exhalando no seio della seus ultimos suspiros tornando talvez mais acerba a sua dor, e outros que se não morrem physicamente perdem a existencia moral descrendo de uma sociedade que caminha cegamente para o abysmo das ambições e interesses. D'entre esses vultos envolvidos hoje nas lages do sepulchro, dois ha que desejamos ainda que momentaneamente filarem suas frentes augustas, nossos olhos tímidos e escurecidos pela descrença. São elles, Alvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

II.

O primeiro, é o cysne da poesia *byronica* personificada n'um homem fraco e em cujo peito a paixão devorava uma alma pura. Amou no idealismo, o que na realidade não achou quem lhe recompensasse. O entusiasmo de sua intelligencia subia ao palacio para descer a taverna mais insignificante. Percorreu todo o mundo feminino, e não encontrou um só peito que entendesse o seu; era que elle não nascêra para a terra! Só encontrou beijos vendidos da messaliã das ruas, ou peitos frios de mulheres que não o comprehendião. Então foi poeta; escreveu, e escreveu em dois volumes, o que muitos talentos não escreverião em vinte. Cantou essa *Noite na Taverna*, tão cheia de poesia, e onde o espirito do leitor recua de horror em cada pagina que lê. Seu espirito percorria o mundo inteiro; via as mulheres mais bellas da Italia em torno de si, enquanto sua penna percorria com velocidade o papel, onde escrevia não tudo, porém parte de seus sublimes pensamentos.

Leu muito, e quando em Byron apreciava essa melancolia e descrença do cantor do *Child-Harold*, elle regosijava-se de achar um peito igual ao seu.

Depois desta luta entre a paixão e o indifferentismo que encontrava, descreu, e a dor desta terrivel molestia em breve o sepultou nas frias lages do tumulo onde repousa tranquillo das lides da vida humana. Repousa oh! poeta, que foi longo o teu soffrer sobre a terra!

III.

Agora, uma vista d'olhos sobre o cantor das *Primaveras*. Cheio de crença e possuidor de um verdadeiro talento. Casimiro de Abreu foi um destes genios que parecem ter nascido poetas. Espirito de melancolica tristeza, porém forte e altivo, elle conservou-se puro até o instante de fechar os olhos. Nunca penetrou nesses lodoçoes que pervertem á mocidade, e sua alma virgem, só tinha santas ambições.

Apaixonado e cheio de fé, julgou sempre que o mundo o comprehendera e nunca o beijo

immundo do scepticismo lhe manchou a fronte. Entretanto, elle soffria e muito, e quem quizer certificar-se leia o seu *Livro Negro* que faz parte de suas bellas *Primaveras*, e ahí verá os suspiros tristes e melancolicos do poeta sertanejo. Entretanto a descarnada e negra mão da morte, ceifou para sempre de nós esse genio, cuja morte tantas lagrimas arrancou aquelles que o conhecerão! E porque meu Deus, não haverá um deí da natureza que immortalize a existencia na terra d'esses genios tão bellos? Necessariamente porque a terra não os merece, e elles vão no seio do Senhor fruir uma existencia a que tem jus!

IV.

E eis ahí dois filhos illustres que o Brasil hoje chora, cujos corpos ennegrecidos pelo pó da tumba, apenas se reconhecem como cadáveres! E eis dous vultos que se somem do campo da intelligencia, por que a mão da morte esgotou o sangue do enthusiasmo que lhes circulava nas veias, porque absorveu as lavas da intelligencia que seus crâneos expandião, porque apertou seus peitos debéis com seus braços de ferro e no auge de seu furor arrancou a vida de dous genios illustres, riscando seus nomes immortaes da lista dos viventes! . . .

W

PORQUE TÃO TRISTE.

Porque tão triste oh! mancebo, te vejo procurar os sitios ermos, os bosques de densas folhagens? . . .

Porque tão triste te vais sentar á borda do regato que allí serpêa e cujo murmurio suave parece fallar-te com a alma? . . .

Porque tão triste contemp'as os mil peixinho dourados, que brincando com as aguas e dando mil voltas, se occultão a teus olhos? . . .

Porque tão triste escutas o mavioso sabiá, que pulando de ramo em ramo entoa seu canto sonoro? . . .

Porque tão triste suspiras quando vês a innocente rolinha acariciar seu fiel companheiro? . . .

Porque tão triste observas o bello panorama que ante ti se desdobra, quando sobes á montanha? . . .

Porque tão triste ficas quando a ingenua creancinha entre-abrindo seus delgados labios de coral te sorri? . . .

Porque tão triste te pões a seismar ao clarão pallido e frouxo da lua, quando até a propria natureza parece que dorme?! . . .

Acaso perdeste os ternos carinhos de uma mãe extremosa? ou então os affectos sinceros de uma irmã querida te forão roubados? Ou a descrença, esse veneno subtil e sempre fatal, innocular se-hia em teu coração ainda tão jovem?!

-- Não! teu soffrer é outro. -- Tu amas, e reccias ser repellido por--Ella.--

Não desamines mancebo e... espera! . . .

Emilia B.

Variedade.

SYCOPHANTA.

A figueira era estimada entre os antigos: os Gregos e Romanos lhe prestavam uma especie de culto. As corôas de suas deosas e as que traziam nas festas publicas eram feitas com ramos e folhas de figueiras.-Os Gregos fizeram leis que puniam com a morte aquelles que transportassem figueiras do Attico ou que tocassem nos figos consagrados ás divindades. Elles tambem prometteram recompensas aos que denunciassem os culpados, e como, apesar do attractivo do fructo prohibido, ninguem tinha tentado de comer figos tão cáros, houve scleratos que, para receberem a somma promettida, roubassem os fructos, e accusassem desse sacrilegio os homens que elles queriam perder. Esses impostores foram denominado sycophantas (denunciadores de figos).

Foi por este modo que o figo inoffensivo entrou em uma palavra, que teve depois applicação, de uma maneira geral, aos calumniadores, aos impostores e hypocritas.

TOAST.

De todas as palavras que se tem tomado emprestadas aos Inglezes, *toast* é talvez a mais espalhada. A palavra *toast* significa *fatia de pão torrado*. Outr'ora, para be-